

LUTERO NO DIÁLOGO ECUMÊNICO DA IGREJA — HOJE *

D. Aloísio Lorscheider

1. Pela importância do tema, seria necessário apresentar um trabalho de cunho estritamente científico. Infelizmente, a falta suficiente de tempo e, mais ainda, das necessárias fontes, não permitiu a realização deste ideal. É preciso contentar-se com uma informação baseada em consulta de autores e artigos de revistas, em geral especializadas, e que, por conseguinte, define a credibilidade do que hei de apresentar.

2. No reexame da vida de Martinho Lutero, tendo em vista todo um movimento desencadeado por ação do Espírito Santo, o movimento ecumênico, percebe-se como a polêmica, a controvérsia, as paixões descontroladas ofuscam, facilmente, a verdade e a tornam ainda difícil para nós hoje. Estamos apenas no início da descoberta da verdadeira figura de Lutero e do seu sentido profundo para a busca da unidade cristã num mundo outra vez terrivelmente conflictual.

3. É impensável qualquer entendimento ecumênico sem uma *compreensão*, no mínimo *básica*, de Lutero. Será possível tal compreensão básica?

4. Martinho Lutero (1483-1546) significou, durante séculos, para a grande maioria dos *católicos* um rebelde, um herege, o herege por excelência, aquele que provocou, na Igreja, o cisma ocidental e levou por suas heresias muitas almas à perdição; para os

* Conferência pronunciada por ocasião do Seminário sobre "Lutero e a Reforma" promovido pela Coordenação de Extensão do Centro de Humanidades e pela Casa de Cultura Alemã, nos dias 26 e 27-09-83, comemorando o V Centenário de nascimento de Martinho Lutero.

protestantes, ao invés, ele foi um "segundo Paulo", que redescobriu o Evangelho de Cristo tirando-o de debaixo da mesa e colocando-o no alto. Essa polarização confessional fechou a porta que leva ao genuíno Lutero. O atual clima ecumênico, porém, a tomada de consciência do condicionamento histórico de nossos modos de expressão e pensamento, a edição crítica das obras completas de Lutero, a *Weimariana*, começada no ano jubilar de 1883 (400º aniversário de nascimento de Lutero), tornou possível outra visão da imagem de Lutero. Hoje, as antigas imagens de Lutero, quais um Lutero, caso patológico (Grisar), vida péssima no convento (Denifle), um Lutero escrupuloso (Algermissen), um Lutero orgulhoso, não querendo reconhecer sua falta de vocação para não capitular perante o pai (Weijenborg), estão, em grande parte, ultrapassadas. Não só a pesquisa da parte dos protestantes, mas também da parte dos católicos, acerca de Lutero alcançou, nos últimos decênios, particularmente a partir de *Joseph Lortz* (1939 — campo católico), progressos decisivos tanto na área de história quanto na de teologia. Lortz, por exemplo, vê a Lutero como um fenômeno profundamente religioso, dotado de uma força criadora especial ("Luther eintief-religiös Urphänomen schöpferische Eigenart und Kraft").

Os autores protestantes, de modo geral, acentuam este aspecto da profunda religiosidade de Lutero como explicação de todo o Movimento da Reforma Evangélica.

Em 1967, no seu escrito *Reform und Reformation*, Lortz escrevia: "Lutero era mais católico do que pensávamos e do que grande parte da pesquisa evangélica o sabe" (Luther war katholischer als wir wussten und als der grosze Teil der evangelischen Forschung es weisz).

Em 1970, numa Assembléia da Federação Luterana Mundial na Suíça, o Cardeal Willebrands, Presidente do Secretariado romano para a unidade cristã, perguntava: "Não é que o Concílio Vaticano II fez exigências que, entre outras, foram feitas por Martinho Lutero e pelas quais agora diversos aspectos da fé e vida cristãs são expressas melhor do que antes?"

Já se chegou ao ponto de um pesquisador de Lutero, qual o católico *Pedro Manns*, por ocasião desse jubileu de 1983 (500º aniversário de nascimento de Lutero), chamar o Reformador de "Pai na Fé".

Esses autores estão convencidos de que Martinho Lutero, na sua luta em favor do *Evangelho*, não só contribuiu substancialmente para a *purificação* da Igreja Católica, mas também para o aprofundamento de questões básicas, quais às da Sagrada Escritura, da Palavra de Deus, da Fé, Consciência, Existência Cristã.

O bispo católico de Copenhague (Dinamarca), *Hans L. Martensen*, numa Conferência sobre "Lutero e Ecumenismo hoje", de-

clarou que também “católicos reconhecem hoje que Lutero, como poucos outros, foi um teólogo genial e de grande influência na história. Ele pode ter sido unilateral, ele pode ter errado em questões particulares; a profundidade porém do seu conhecimento de fé e a inspiração teológica sempre nova, que nele se encontram, devem ser reconhecidos”.

5. Nos diálogos ecumênicos a gente hoje deixa mais de lado as questões meramente biográficas e psicológicas em relação à personalidade de Lutero, dando maior atenção às questões realmente substantivas de teologia, Igreja, vida cristã. Dois aspectos apresentam-se sempre mais claros: 1º. Lutero só se entende como *corretivo*. Um corretivo não se pode compreender sem o *corrigendo*. Não se pode entender a Lutero sem o catolicismo que ele quis reformar; 2º. não se pode só olhar o Lutero *jovem*; é preciso ver o Lutero todo. Só ele é o verdadeiro Lutero. O assim denominado “católico” em Lutero não é um passo para trás, mas um *reganhar* de diversas verdades que na luta pereceram ou foram deixadas de lado. Para Lutero, a contestação que fazia não só lhe parecia estar de acordo com o ensino da Igreja, mas até fazer-lhe a defesa. Estava longe dele a idéia de uma separação da Igreja; ele a rejeitava energicamente. Entretanto, a sua intenção não foi compreendida nem pelas autoridades teológicas e eclesiásticas na Alemanha, nem, mais tarde, por Roma. Não foi devido à compreensão que Lutero tinha do Evangelho, mas devido às repercussões sobre a Igreja e o campo político que levou ao conflito e à divisão.

6. Quais são temas básicos na posição de Lutero, que, hoje, no diálogo ecumênico tem especial importância?

Poderíamos dizer que são, sobretudo, cinco: o tema da *reforma da Igreja*, o tema da *doutrina da justificação*, o tema da *Eucaristia* (interpretação da Ceia do Senhor), o tema dos *ministérios* e o tema da *Escritura e Tradição*.

6.1. O tema da reforma da Igreja

Intenção de Lutero era a reforma da Igreja toda. Na época exigia-se sempre de novo a reforma *in capite et in membris* (na cabeça e nos membros). Lutero dizia: “Ao concitar-nos à penitência, Nosso Senhor e Mestre quer que a vida inteira dos fiéis seja penitência contínua”. Ora, o Vaticano II, no decreto sobre o Ecumenismo, declarou que a Igreja não sendo só obra divina, mas também humana e terrena, necessita de contínua renovação. Reno-

vação em seus costumes, em sua disciplina, no modo de proclamar a doutrina: "Ecclesia in via peregrinans vocatur a Christo ad hanc perennem reformationem qua ipsa, qua humanum terrenumque institutum, perpetuo indiget" (n.6).

6.2. O tema da doutrina da justificação

É o "articulus stantis et cadentis Ecclesiae".

Nos manuais católicos de teologia houve, de modo geral, uma apresentação distorcida da doutrina luterana sobre a justificação.

A natureza humana, segundo esses manualistas, seria uma natureza de todo corrompida pelo pecado original e incapaz de qualquer ação boa, o intelecto obscurecido, sem condições de, por si, chegar ao conhecimento de Deus. A vontade sem liberdade, seguindo irresistivelmente a quem a cavalga, seja o demônio, seja Jesus Cristo. Mesmo com a justificação, o homem não se torna bom interiormente; continua o mesmo pecador de antes (simul iustus et peccator), com apenas uma diferença: agora a justiça de Cristo lhe é imputada extrinsecamente (iustificatio forinseca, imputatio extrinseca). Tudo isto sucede pela fé. Através da fé, a justiça de Cristo, os méritos salvadores de Cristo encobrem, como que por encanto, a imundície de homem, sem afastá-la ou destruí-la. Logicamente, Lutero não poderia exigir boas obras. A atividade humana pouco valor podia ter. Decisiva a fé: justificação *só pela fé*. Seria *a sola fides luterana*. O juízo segundo as boas obras, tão claramente descrito em Mateus 25, em Lutero não teria lugar nem vez. Daí a interpretação do "pecca fortiter, sed crede fortius", como conselho de Lutero para pecar o quanto quiser, contanto que creia com maior força.

Tal interpretação repercute na teologia dos sacramentos e da Igreja.

Hoje, como se vê a justificação em Lutero?

Lutero não compreende a justificação como acontecimento meramente exterior nem dispensa a cooperação humana com o seu "sola fide". O que lhe interessa é a absolvição do pecador sem condições prévias. A salvação do homem *não depende* das obras e dos méritos próprios, mas as obras dependem da dádiva *gratuita* da salvação. É somente pela graça e pela fé na ação salvífica de Cristo, e não fundados em nossos méritos, que somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo que renova nossos corações e nos habilita e chama a cumprir boas obras (Declaração católico-luterana sobre a Confissão de Augsburgo, 1980 — cf revista *Medellín*, 7 (1981) 290).

A grande preocupação de Lutero, durante anos a fio, foi com a passagem de Rom 1,17: "A justiça de Deus revela-se no Evan-

gelho". Como entender essa justiça? Justiça que *castiga* ou justiça que *perdoa*? Certo dia viu o nexó desta passagem com as palavras que completam este texto: "No Evangelho revela-se a justiça de Deus, que se obtém pela fé e conduz à fé, como está escrito: O justo vive da fé". Descobriu Lutero que esta justiça de Deus que faz o justo viver da fé é dom de Deus, é graça de Deus. Não é merecimento da pessoa humana. A praxe penitencial e ascética da Igreja no tempo de Lutero parecia insinuar que o homem, fiado nos próprios méritos, se reconciliava com Deus e realizava a redenção, ao passo que é Deus que, ao atuar em Jesus Cristo, reconcilia o mundo consigo e realiza a nossa redenção.

Com essa descoberta, Lutero pareceu nascer de novo e teve a impressão de que por uma grande porta aberta ele entrava no paraíso. Se ele antes odiava a palavra "justiça de Deus", dagora em diante ela se lhe tornou doce e amável; ela se lhe tornou a verdadeira porta do paraíso.

6.3. O tema da Ceia do Senhor

É o aspecto sacrifício que lhe causava dificuldade. Para Lutero o sacramento da Eucaristia é *dádiva de Deus* oferecida a todos os homens pela mão dos sacerdotes, a fim de que a recebam. Esse estado de coisas é destruído quando oferecemos a Deus o sacramento como sacrifício, porque não nós oferecemos Cristo, mas ele se sacrificou uma vez para sempre. Participamos de sua comunidade ao receber-lhe os dons.

Lutero censurou também o costume das Missas particulares, procurando concretizar o caráter *comunitário* da Ceia. Criticou também a prática do culto da partícula consagrada por obscurecer o caráter de refeição própria à Eucaristia.

Introduziu ainda a comunhão sob as duas espécies e o vernáculo na liturgia.

6.4. O tema dos ministérios

Típica da Igreja do século 16 a interpretação que via a Igreja integrada de dois estados: o clerical e o laical. Ao clerical dava-se proximidade maior da salvação em Cristo. Deste modo, o estado clerical sobrepujava os cristãos comuns a quem nele estivesse era visto como cristão de categoria superior.

Lutero procurou examinar a legitimidade desse modo de pensar e chegou à conclusão que tal distinção era insustentável, já que todos os cristãos, pelo batismo, estão inseridos no sacerdócio de Cristo. A partir daí, desenvolveu uma eclesiologia orientada na imagem paulina do Corpo de Cristo: todos os cristãos são membros do

mesmo Corpo único de Cristo. Cada qual ocupa aí um lugar insubstituível; cada um está igualmente próximo e distante da salvação em Jesus Cristo, Cabeça da Igreja.

Enfatizando a realidade da pertença de todos ao sacerdócio de Cristo, Lutero não quis eliminar os mistérios na Igreja. Mas, colocou a sua teologia do ministério eclesial no conjunto de uma interpretação global da Igreja, na qual ao ministério cabe a tarefa indeclinável de realizar *o serviço* do anúncio da palavra e da administração certa dos sacramentos, relacionados ambos com a unidade da Igreja, na medida em que a reconstituem. Não está no arbítrio da Igreja ter ou não ter ministérios ou determinado ministério, já que a pregação e a administração dos sacramentos são parte inalienável da Igreja. No correr da história da Igreja variou o modo como alguém é encarregado de um ministério.

Lutero também afirma que o ministério pode só ser exercido por quem for a isso chamado, por meio da ordenação. Exclui a possibilidade de auto-autorizar-se para algum ministério. É a Igreja e a comunidade quem indicam, em concreto, para o ministério por Deus confiado à Igreja.

O que interessou a Lutero foi recolocar o ministério em sua relação concreta com a comunidade.

6.5. O tema *Escritura e Tradição*

Lutero quis fazer valer de novo a *origem obrigatória* do cristianismo. Expressou isto no lema da "sola scriptura". O sentido é que a verdade necessária à salvação se encontra exclusivamente na Escritura que, por sua vez, tem caráter *normativo* para todas as tradições eclesiásticas.

Os conhecimentos exegéticos de hoje ensinam que a Escritura, por sua vez, é produto de um processo da tradição. Nenhuma Igreja hoje pode manter a relação teológica entre Escritura e Tradição do jeito que foi defendida no século 16, tanto pelo protestantismo, como pelo catolicismo. Há, hoje, um consenso quanto ao primado da Escritura, frente ao qual toda a tradição posterior se reduz a elemento de caráter explicativo e não constitutivo.

7. Examinando as idéias do Concílio Ecumênico Vaticano II, Concílio eminentemente *pastoral* (preocupação profunda de Lutero o objetivo pastoral em sua teologia: expor a evangelização de maneira compreensível com a inclusão positiva dos homens que lhe vinham ao encontro com seus cuidados e necessidades, alegrias e forças), podemos notar que *exigências fundamentais* de Lutero foram aí acolhidas:

- A acentuação da importância decisiva da Sagrada Escritura para a vida e o ensinamento da Igreja (Constituição Dogmática "Dei Verbum");
- A descrição da Igreja como "Povo de Deus" (Constituição Dogmática "Lumen Gentium");
- A afirmação da necessidade de uma reforma permanente da Igreja na sua existência histórica (Constituição Dogmática "Lumen Gentium" 8; decreto "Unitatis Redintegratio", 6);
- A insistência sobre a confissão de Jesus Crucificado e sobre o sentido da cruz para a vida de cada cristão como para a vida da Igreja em seu conjunto (Constituição Dogmática "Lumen Gentium", 8; decreto "Unitatis Redintegratio", 4; Constituição pastoral sobre a Igreja "Gaudium et Spes", 37);
- A compreensão dos ministérios eclesiais como serviços (decreto "Christus Dominus", 16; decreto "Presbyterorum Ordinis");
- A acentuação do sacerdócio de todos os batizados (Constituição Dogmática "Lumen Gentium," 10 e 11; decreto "Apostolicam Actuositatem", 2-4);
- A defesa do direito da pessoa à liberdade religiosa (Declaração "Dignitatis Humanae").

Outras exigências formuladas por Lutero em seu tempo podem ser consideradas satisfeitas na teologia e na prática da Igreja Católica hoje: o uso do vernáculo na liturgia; a possibilidade da comunhão sob as duas espécies; a renovação da teologia e da celebração da Eucaristia.

8. Em conclusão, como continua Lutero atual para todos nós, católicos e cristãos da Reforma?

- Como teólogo, pregador, pastor, compositor de hinos e homem de oração, Lutero testemunha, de um modo renovado e numa concentração espiritual pouco comum, a mensagem bíblica da justiça gratuita e libertadora de Deus e a re-colocação dentro da nossa atenção;
- Lutero reenvia-nos à prioridade da Palavra de Deus na vida, ensinamento e serviço da Igreja;
- Ele nos recorda uma fé que é confiança absoluta neste Deus que, na vida, morte e ressurreição de seu Filho, se nos revelou como um Deus misericordioso;
- Ensina-nos a compreender a graça como uma relação pessoal de Deus com o homem, relação incondicionada e que

torna a pessoa livre diante de Deus e para o serviço do próximo;

- Ele nos atesta que é só no perdão de Deus que a vida humana recebe o seu fundamento e a sua esperança;
- Ele nos exorta como Igreja a nos deixarmos reformar constantemente pela Palavra de Deus;
- Ele nos ensina que a unidade no necessário permite diversidade de usos, disciplinas e teologias;
- Ele nos mostra, na qualidade de teólogo, como o conhecimento e a misericórdia de Deus só se revelam a quem reza e medita; o Espírito Santo o persuade da verdade do Evangelho e — contra todas as tentações — o guarda e fortifica na verdade;
- Ele nos adverte que não pode haver reconciliação e comunidade cristã se não se observa “a norma da fé” e “a norma do amor” que “só pensa o melhor de cada um e não é suspeito, que acredita no bem do próximo... e chama cada batizado um santo” (Lutero);
- Confiança e humildade repletas de adoração diante do mistério da misericórdia de Deus exprimem-se através do último testemunho de Lutero que, como testamento espiritual e teológico, pode também servir a nós de guia em nossa busca comum da verdade que une:
“somos mendigos. Esta é que é a verdade”.